

Um registro do diário íntimo de Frida Kahlo analisado sob uma perspectiva semiológica enunciativa

letrônica

Claudia Stumpf Toldo*
Romeu Carletto**

1 Primeiras palavras

Este texto traz em suas linhas uma reflexão sobre o papel da língua, enquanto sistema de signos, em relação a outros sistemas sógnicos, observando suas relações em um registro selecionado do Diário de Frida Kahlo, a pintora mexicana. Essas relações são tratadas na perspectiva da Teoria da Enunciação, mais especificamente, em estudos de Émile Benveniste (1989) propostos no texto *Semiologia da língua*, produzido pelo autor em 1969. Questões como “Qual o lugar da língua entre os sistemas de signos” (BENVENISTE, 1989, p. 43) nos motivaram a perseguir uma resposta, tendo presente que quando lemos um texto com diferentes linguagens fazemos um movimento de leitura com e entre esses sistemas. Neste texto de 1969, o linguista exalta o lugar especial e de destaque que a língua ocupa entre os sistemas semióticos pelo fato de poder interpretar os outros sistemas e também poder interpretar-se a si mesma. A relação estabelecida entre esses sistemas é a relação de interpretância e tem origem na faculdade metalinguística, que é a capacidade de criar um segundo nível de enunciação, alcançado pela significância da língua quando no discurso.

* Possui graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo, mestrado em Letras (área de concentração: Teorias do Texto e do Discurso) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É professora titular no Curso de Letras e no Mestrado em Letras na Universidade de Passo Fundo.

** Possui licenciatura em Língua Espanhola pela Universidade Federal do Paraná, especialização em Metodologia e Ensino de Língua Espanhola pela Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu e mestrado em Letras (área de concentração: Estudos Linguísticos) pela Universidade de Passo Fundo. É professor de Língua Espanhola nos cursos de Letras e Administração da Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu.

E-mail: romeucarletto@yahoo.com.br

Algumas atitudes nos orientam a fazer este estudo: a) identificação dos dois modos de significação propostos por Benveniste (1989) - o semiótico, que deve ser reconhecido, e o semântico, que deve ser compreendido discursivamente; b) descrição dos elementos verbais e não-verbais presentes no registro analisado; c) construção de uma análise enunciativa, em que o percurso adotado é fazê-la de maneira contextualizada, sendo que os níveis semiótico e semântico são analisados de maneira integrada, mostrando, enunciativamente, a descrição de um outro sistema sógnico que não a língua. Acreditamos que essa postura metodológica adotada proporciona uma descrição do sentido de um texto.

2 Frida Kahlo: uma pintora que se representa na e pela linguagem

É de Frida Kahlo o registro que se torna, neste trabalho, motivação para responder à questão sobre o lugar da língua entre os sistemas de signos. Poderíamos perguntar: por que pinturas dessa artista mexicana? Poderíamos responder: pela sua peculiar e singular história como artista mulher que se representa na linguagem usada em suas pinturas. Eis algumas informações dessa menina-mulher mexicana que “se pinta” na própria obra.

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón nasceu em Coyoacán, então distrito da Cidade do México, na manhã do dia 06 de julho de 1907. Terceira das quatro filhas do fotógrafo Carl Wilhelm (Guillermo) Kahlo (1872-1941) e de Matilde Calderón y González (1876-1932). Constituíam uma família muito pobre, e o pai de Frida ganhava a vida fazendo fotografias. A situação começou a melhorar quando Guillermo foi contratado pelo governo mexicano para retratar e produzir um inventário fotográfico dos monumentos arquitetônicos pré-colombianos. “Guillermo Kahlo foi escolhido para o projeto graças a sua experiência” (KETTENMANN, 2006, p. 8). Com o advento da Revolução Mexicana, Guillermo perdeu o emprego e teve dificuldades para sustentar a família. Foi Matilde quem passou a sustentar a casa, vendendo seus móveis e objetos e alugando quartos da ampla casa para solteiros de passagem. Matilde ocupou um espaço muito pequeno na vida afetiva de Frida. Era uma mulher dura, apagada, amargurada, justamente o oposto do pai, um artista, frágil e irrealista.

Ainda na infância, quando estava com seis anos, Frida contraiu poliomielite, sendo esta a primeira enfermidade séria que afetou a vida da artista. Esta doença provocou uma lesão na perna direita, deixando-a muito magra e fina, e outra lesão no pé esquerdo que o deixou atrofiado. A partir disso, começou a usar calças, depois, longas e exóticas saias,

que se tornaram uma de suas marcas registradas, mas que, no fundo, tinham um único e firme propósito: esconder as sequelas físicas que a poliomielite tinha deixado. Nessa época, ficou conhecida na escola como “Frida perna de pau”, e foi, sem dúvida, algo que a magoou profundamente (HERRERA, 2004). Com dificuldade para fazer amigos, passou a adolescência numa grande solidão. A falta de amigos reais aguçou a imaginação de Frida e ela começou a criar amigos imaginários. Foi nessa época que passou a conviver com a “Frida imaginária”, retratada no quadro de 1939, “*Las dos Fridas*”¹, e a fez retomar o tema em 1950, quando escreveu no seu diário, justificando a pintura desse que foi um dos quadros que acabou se convertendo em um dos mais famosos pintados por ela.

Após acabar a instrução primária no *Colegio Alemán*, que era a escola alemã no México, em 1922 passou a frequentar a Escola Preparatória Nacional do Distrito Federal do México. Dentro dessa escola, afluíam grupos denominados *pandilla*² que se dedicavam aos mais diferentes interesses e atividades, como a história, a literatura, a filosofia e outros campos do saber. Frida juntou-se a um deles, os *cachuchas*³, grupo que tinha intensa atividade de leitura e apoiava as ideias socialistas. No seio desse grupo, Frida ensaiou as primeiras obras da pintura, mas algo totalmente desprezioso e que ela própria considerava como horríveis, por isso, as destruiu. Também era integrante desse grupo Alejandro Gómez Arias, namorado de Frida.

Em 1923, Diego Rivera, já um reconhecido pintor, foi contratado pelo Ministério de Educação para produzir seu primeiro grande mural, *La creación*, no anfiteatro Bolívar, o auditório da Escola Preparatória, e foi onde aconteceu o primeiro encontro entre Diego e Frida (HERRERA, 2004). Foi o encontro que mudou para sempre a história dos dois. Para a pintura desse mural, servia de inspiração a Diego uma modelo com quem ele tinha um caso. Os jovens *cachuchas*, por detrás das pilastras do auditório, gritaram o nome da esposa de Diego, Lupe Darín, com o único propósito de provocar o pintor.

Até setembro de 1925 não fazia parte dos planos de Frida dedicar-se às artes, inclusive chegou a cogitar a possibilidade de, junto com Alejandro, mudarem-se para os Estados Unidos. Mas um grave acidente de bonde nesse mesmo ano deixou-a com lesões permanentes, principalmente na coluna. Era 17 de setembro e a pancada foi no meio do bonde, justamente onde estavam Frida e seu namorado Alejandro. Frida foi a mais afetada no acidente. Invadiu-lhe um ferro que atravessou o abdômen, a coluna vertebral e a pélvis. Ela sofreu múltiplas fraturas, fez

¹ Nesse quadro, Frida retrata duas irmãs siamesas sentadas lado a lado, de mãos dadas e com os corações aparentes e unidos pela mesma artéria.

² *Pandilla* era o nome pelo qual os alunos se organizavam em grupos para debater sobre esportes, literatura, artes, filosofia, política, etc.

³ O grupo levava esse nome - *cachuchas* – por ser derivado do modelo dos bonés usados por seus membros.

várias cirurgias (trinta e cinco ao todo) e ficou muito tempo presa em uma cama (HERRERA, 2004). Foi nessa dolorosa convalescença que Frida começou a pintar freneticamente.

Em 1928 aconteceu o segundo encontro entre Frida e Diego. Diego pintava alguns afrescos e em uma dessas oportunidades é procurado por Frida que, ousadamente, queria mostrar algumas telas ao pintor. De imediato Diego não a reconheceu, mas ao descer se deparou como uma jovem já com o corpo transformado em mulher e que em nada lembrava aquela menina franzina do episódio da Escola Preparatória. O contato entre ambos passou a ser mais constante e nesse mesmo ano Frida entrou para o Partido Comunista Mexicano, do qual Diego já era militante. O namoro não demorou a começar e, no ano seguinte, se casaram pela primeira vez. Diego já havia vivido muito, tinha 42 anos, era pesado e grande. Havia sido casado duas vezes e era pai de quatro filhos. Frida, com metade da idade de Diego, tinha aspecto muito frágil. Impressionava a todos essa mistura, os extremos que se aproximavam: a figura pequena e retraída de Frida com a corpulência e aspecto gigante de Diego. Apesar das traições do marido, a maior dor de Frida foi a impossibilidade de ter filhos (embora tenha engravidado mais de uma vez, as sequelas do acidente a impossibilitaram de levar uma gestação até o final), o que ficou claro em muitos dos seus quadros.

Na segunda metade da década de 1930, exposições com obras da pintora foram organizadas em Nova Iorque, nos Estados Unidos e em Paris, França. Porém, a primeira exposição individual da obra de Frida em solo mexicano só aconteceu na primavera de 1953 e foi organizada por uma amiga fotógrafa, Lola Alvarez Bravo. Mesmo contrariando os médicos, Frida foi levada para a abertura da exposição, festejou junto aos convidados, bebendo e cantando, apesar da visível debilidade em que já se encontrava.

Não muito tempo depois da exposição, já não aguentando as dores na perna direita, os médicos decidiram amputá-la até o joelho e implantaram uma perna artificial. As dores diminuíram e a prótese permitiu, cinco meses após a cirurgia, pequenas caminhadas. Porém, essa operação deixou Frida numa profunda depressão, inclusive com Diego Rivera afirmando que Frida “tinha perdido a alegria de viver” (KETTENMANN, 2006, p. 84). Os meses que se seguiram foram marcados por oscilações de profunda depressão e extrema euforia. A amputação da perna rendeu muitos registros no diário, inclusive um dos mais célebres, onde vê um pé partido, sobreposto ao outro, com a inscrição “para que preciso de pés se tenho asas para voar⁴” (KAHLO, 2008, p. 134, tradução nossa).

⁴ Pies para que los quiero si tengo alas pa' volar (KAHLO, 2008, p. 134).

Afirmando “sentir que vou te deixar muito em breve” (KETTENMANN, 2006, p. 84), na noite anterior a sua morte, Frida entregou ao marido um presente antecipado, pelas bodas de prata que comemorariam em agosto de 1954. Na noite de 12 para 13 de julho, sete dias após seu 47º aniversário e convalescendo de uma grave pneumonia, Frida morre na Casa Azul. À embolia pulmonar foi atribuída sua morte, mas alguns acreditam que ela possa ter tirado sua própria vida. No último registro encontramos: “espero alegre a partida... e espero nunca mais voltar... Frida⁵” (KAHLO, 2008, p. 160, tradução nossa). Como não há data nesse registro, muitos acreditam na hipótese de suicídio, enquanto outros dizem que essa passagem se refere à saída de Frida do hospital, fato que comemorou muito, justificando o registro “alegre saída” e “nunca mais voltar”. Satisfazendo a um desejo da artista, o corpo foi cremado. As cinzas foram depositadas em um vaso pré-colombiano, e estão até hoje, na Casa Azul, que foi transformada, um ano após a sua morte, em museu. Conservada praticamente em seu estado original, foi aberta oficialmente como Museu Frida Kahlo, em 12 de julho de 1958.

3 Um olhar sobre o gênero textual diário

Para que possamos proceder à análise de um registro do diário de Frida Kahlo, faz-se necessário algumas breves considerações acerca dos gêneros textuais, levando-se em conta que o diário se configura como um gênero textual. Nosso ponto de partida é o pressuposto defendido pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin que considerou que a comunicação se faz necessariamente por algum gênero e que as atividades humanas se interligam pelo uso da linguagem.

As condições específicas e finalidades de cada esfera se refletem nos enunciados e são marcadas pelo conteúdo do tema, pelo estilo de linguagem empregado, e, ainda, pela construção composicional. Essas esferas citadas por Bakhtin (2000) se referem, pois, a todas as possíveis atividades nas quais os seres humanos possam estar envolvidos, sejam elas no meio familiar, social, trabalho, jurídico, religioso, militar. Qualquer uma dessas esferas está ligada à utilização da língua, que é o único meio que torna possível a comunicação verbal.

Algumas delas possuem maior, outras, menor proximidade com as atividades diárias dos indivíduos. Muitas atividades corriqueiras do dia a dia seriam impensadas sem as distintas formas que dispomos para expressá-las. Como expressaríamos nossos sentimentos, ideias, sensações? Como seria a feira, o espetáculo de teatro, a aula, um concerto de música? Em síntese, como afirma Marcuschi (2010, p. 22), “partimos do pressuposto básico de que é impossível se

⁵ Espero alegre la partida y espero no volver jamás... FRIDA (KAHLO, 2008, p. 160).

comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*”, ou seja, de “que a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*”. Os gêneros textuais assumem, portanto, a responsabilidade, de modo concreto, da existência da língua. Sem contradizer a unidade de uma língua, consideramos que o caráter e os modos de utilização da língua são tão diversos quanto às próprias esferas da atividade humana.

Os gêneros textuais são, portanto, atividades sociodiscursivas que devem ser entendidas de forma abrangente e dinâmica, implicando na realização da linguagem através de uma atividade de interlocução, por meio de algum código, em determinado tempo e espaço ocupado pelo homem, ou seja, a linguagem vista como uma ação, atividade e interação correlacionando as outras condições. Essas condições são a existência dos elementos indispensáveis num processo de comunicação, pois devemos levar em consideração que nenhum ato de linguagem, seja a produção ou a recepção de texto, ocorre no vazio. Ao fazer seus registros num diário, a pintora Frida Kahlo expressa uma intencionalidade. Não são, portanto, fortuitas quaisquer que sejam as manifestações levadas a cabo, são feitas considerando um interlocutor, que pode ser outra pessoa ou o próprio sujeito que produziu esse texto.

Estamos habituados e familiarizados com a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos de origem histórica, intimamente ligados à vida social e cultural. Marcuschi (2010) alerta para o fato de que os gêneros textuais não são entidades naturais (como são os elementos da natureza: animais, montanhas, árvores) que nos permitiriam atestar certas propriedades que talvez facilitassem sua definição, mas certamente contribuem de maneira decisiva para estabilizar e normatizar as atividades comunicativas diárias. Uma das principais características é a maleabilidade que apresentam e constante relação com atividades sociodiscursivas.

Essas relações estão presentes, inclusive, nas inovações tecnológicas que propiciam o surgimento de novos gêneros, que nem sempre podem ser classificados como “inovações absolutas” (MARCUSCHI, 2010, p. 21), porque muitas vezes são apenas novas roupagens a antigos gêneros. Veja-se o caso da carta e do e-mail, ou ainda do diário e do *blog* que são utilizações muito similares enquanto forma de comunicação, mas que nem por isso deixam de apresentar suas peculiaridades e de possuírem características próprias. A esse fenômeno, essa roupagem nova a um gênero antigo, Bakhtin (2000) chamou de “transmutação” de gêneros.

Com os novos gêneros se recriam novos usos da linguagem e, de certa maneira, possibilitam a redefinição de relações entre oralidade e escrita. Reiteramos que os gêneros textuais não se definem por seus aspectos formais, antes se distinguem por seus aspectos

sociocomunicativos e funcionais. Um dos gêneros textuais praticamente tão antigo quanto à história da linguagem humana e que vem sofrendo uma “transmutação” (BAKHTIN, 2000), é o gênero diário. Para Carmen Pimentel (2011, p. 730), “o instinto autobiográfico é tão antigo quanto o ato de escrever, já que se constitui a partir de um dos atos de fala básicos que é a narração”. O ato de contar histórias está presente na vida do homem desde seus primórdios.

O diário se constitui em um gênero textual à medida que nele encontramos a linguagem escrita manifestada através da visão do seu autor. Possui características próprias que o determinam como gênero, principalmente pela forma como é escrito, pois se trata de relatos intimistas que têm a ver com os acontecimentos relacionados com o seu autor, que imprime um estilo próprio e particular, externando um conteúdo geralmente inacessível aos demais, o que caracteriza o diarismo como uma atividade da esfera privada.

A origem do termo diário é a mesma do termo jornal e, segundo a pesquisadora norte-americana Cinthia Gannett (apud OLIVEIRA, 2002), o latim é a origem de ambos e significa dia ou diário, referindo-se a dia de trabalho, dia de viagem ou entrada diária de informação. Jornal é derivado do francês antigo *journal*, que significa diário, que por sua vez deriva do latim *diurnal*, de/ou pertencente ao dia. Para Lejeune (2008), o termo nos diz, em primeiro lugar, que é uma escrita cotidiana. Os primeiros registros de uso dos termos datam da metade do século XIV e estão relacionados aos livros e serviços religiosos contendo as horas do dia.

O caráter privado do diarismo⁶ modelou o conceito com o qual conhecemos hoje o gênero diário, mas Rosa Meire Carvalho Oliveira (2002) detectou em suas pesquisas que os diários foram, no início, manifestações públicas e comunitárias, cujo objetivo consistia em narrar acontecimentos inerentes a um grupo social ou feitos históricos de determinados personagens de certas comunidades: diário de bordo, diário de guerra, diário de classe. Para Lejeune (2008), a intimidade no gênero, além de ter entrado apenas mais tarde, não passa de uma modalidade secundária, e que a implicação do adjetivo “íntimo” geralmente é justaposto apenas e tão somente para diferenciar-se da escrita cotidiana.

Os diários ganharam força e popularidade com a publicação dos diários de alguns escritores ingleses no final do século XVIII. Converteram-se, assim, em instrumentos de autorreflexão e adquiriram uma conotação mais feminista por serem, em sua maioria, produzidos por mulheres motivadas pelo surgimento do romantismo como movimento cultural.

Os diários são considerados registros íntimos, privados e, em alguns casos, inconfessáveis.

⁶ Diarismo é um termo usado nos estudos do gênero diário e também será adotado aqui. Refere-se aos relatos diários relacionados à determinada pessoa, situação, comunidade.

Em raros casos, alguns autores escrevem seus diários com o objetivo de posterior publicação. De acordo com Sarah Lowe (2008, p. 25), o diário de Frida Kahlo “constitui a expressão mais íntima da artista” porque nunca teve a intenção de publicá-lo, e o considera “uma série de anotações de caráter estritamente pessoal realizadas por uma mulher”.

Para Blanchot (2005, p. 275), “o diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer”. O diário apresenta ainda a possibilidade de se resgatar em registros antigos as marcas e sensações de acontecimentos passados. Isso se dá pela ocorrência de outra característica desse gênero: o uso de datas nos registros.

Outra característica do diário é a liberdade que o autor tem na sua produção e na expressão de sentimentos, emoções e pensamento, pois os textos produzidos são de caráter informal e íntimo e nos quais o sujeito reproduz experiências vividas e situadas em um tempo e lugar determinados. Os diários se classificam ainda como um dos gêneros da literatura autobiográfica nos quais o autor registra vivências e sentimentos frente ao mundo que o cerca. É daí que provém seu caráter intimista e confidente. O diário se apresenta como um testemunho do cotidiano, como o caso de Frida Kahlo, em que seus registros não são necessariamente diários e geralmente são feitos através de narrações, de palavras soltas, de poemas, de colagens e de pequenos desenhos, podendo ainda apresentar descontinuidades.

Através desses registros escritos e pictóricos, a artista manifestou fatos, desejos e emoções, que puderam ser conhecidos e apreciados porque estavam reunidos sobre um determinado suporte: o caderno de capa vermelha e letras douradas que, posteriormente, foi publicado como o *Diário íntimo de Frida Kahlo*.

4 Perspectiva teórica: a enunciação

Desde que Charles Bally e Albert Sechehaye juntaram as anotações dos cursos promovidos por Ferdinand de Saussure os quais resultaram na publicação do *CLG* (Curso de Linguística Geral), os assuntos relacionados à linguística se desenvolveram de maneira expressiva e deram origem a outros estudos que se tornaram cada vez mais específicos. Para o professor Valdir do Nascimento Flores (2009), o *CLG* é responsável por alçar a disciplina linguística à condição de ciência em função, basicamente, do *CLG* ter circunscrito um objeto e um método para a disciplina. Saussure, nos cursos que ministrou, optou pelo estudo da língua, primeiro aspecto da linguagem, definindo-o como objeto da linguística, porque, diferente da fala que é uma

manifestação individual, a língua é vista como um sistema, como norma para as manifestações da linguagem, e, portanto, pode ser estudada cientificamente.

No entendimento de Barbisan e Flores (2009, p. 10), “a língua é só uma parte da linguagem, é seu produto social, e, como tal, é compartilhada pela comunidade de fala por meio de um contrato que se estabelece entre seus membros”, ao contrário da fala que é a utilização da língua. A língua é homogênea, enquanto a fala tem caráter livre. Assim, a fala não pode ser objeto da linguística, mas sim a língua, sendo a primeira subordinada à segunda. Para Barbisan e Flores (2009), há uma estreita relação entre língua e fala, e ainda que a língua possa ser estudada separadamente da fala, esta vem antes e merece a estruturação de uma linguística própria. Saussure não prioriza a língua nem a eleva em importância à fala, inclusive, para ele, “a fala é que faz evoluir a língua” (CLG, 1995, p. 27). Saussure apenas estabelece a primeira como objeto de estudo da linguística enquanto ciência. Defende a ideia de que a fala deve ser estudada e investigada, justamente pela proximidade que tem com a língua. O estudo da linguagem divide-se, assim, em duas partes: a que tem como objeto a língua e a que tem como objeto a fala.

Quanto aos estudos envolvendo a Teoria da Enunciação, esses, de acordo com Flores et al. (2009), partem do princípio de que a definição de linguagem, sob os dois aspectos defendidos pela teoria saussuriana, língua e fala, foram ao longo do tempo muito produtivos, passando por transformações, reinterpretações e expansões, de maneira que os estudos enunciativos se voltam para o objeto da linguística. Porém, segundo Flores e Teixeira (2008), isso não significa que haja uma identificação completa e, dentre os autores da enunciação, percebe-se um movimento de conservação e de alteração referente ao pensamento saussuriano.

O uso dos termos *teorias da enunciação* (no plural) ou *Linguística da Enunciação* (no singular), para Flores e Teixeira (2008), serve para esclarecer que há uma diversidade nos estudos que nos permite pensar em mais de uma teoria nesse campo, mas que todas têm traços comuns que referenciam o uso do termo Linguística da Enunciação, por abarcar os estudos dessas teorias. Segundo Flores e Teixeira (2008), todas as teorias têm, em comum, três aspectos principais: a heterogeneidade do campo da enunciação, isto é, todas as teorias da enunciação remetem, para concordar ou discordar, a Saussure; todas estudam o sentido (por isso algumas chamam de Semântica da Enunciação); e todas são descritivas (estudam o particular) e explicativas (estudam o universal), tem *corpus*, fazem análises, descrevem, dão sempre exemplos muito detalhados.

Sendo assim, qualquer um dos teóricos da enunciação poderia embasar nosso estudo, porém, optamos pelos estudos desenvolvidos por Émile Benveniste, por acreditar que esse

autor consegue descrever de forma clara e produtiva aspectos comuns às teorias da enunciação e ainda prioriza em seus estudos a presença do homem na língua, além de pontuar a importância do componente semiológico na cena enunciativa. Fator esse determinante, em se tratando de analisar um registro escrito e pictórico do diário íntimo de Frida Kahlo.

Benveniste é considerado linguista da enunciação por ser um dos principais linguistas da teoria que passou a ser conhecida como Teoria da Enunciação e, muito provavelmente, foi o primeiro que, baseado no quadro saussuriano, desenvolveu pesquisas e estudos de análise da língua com sua especificidade voltada à enunciação (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 29), levando-nos a crer, inclusive, que *forma* e *sentido* têm profunda relação com *língua* e *fala*. Benveniste registra que esse tema parece convir mais a um filósofo do que a ele que, evidentemente, aborda o tema como linguista, entretanto não de um ponto de vista comum à maioria, já que esse parece não existir. Segundo Benveniste (1989), o estudo do *sentido* foi considerado, durante muito tempo, como uma tarefa que escapava à competência do linguista.

Retomando nossa motivação inicial – responder à pergunta sobre o papel da língua entre os sistemas sígnicos – debruçamo-nos, especificamente, sobre o texto de 1969 de Benveniste que traz a reflexão de que a condição única da língua entre os sistemas de signos é a sua condição de interpretante dos demais sistemas. A língua ocupa esse lugar especial porque é o único sistema que pode interpretar-se a si mesmo e ainda interpretar aos demais. Esse pressuposto é defendido por Benveniste no artigo *Semiologia da Língua* (1969) em *Problemas de Linguística Geral II*, de 1974/1995. Essa escolha se deu porque acreditamos que ele oferece condições de embasar a análise do *corpus* selecionado.

Benveniste (1989), nesse artigo, parte do conceito de semiótica defendido por Charles Peirce e do conceito de semiótica esboçado no *CLG* e faz um questionamento: qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos? Estudos já mostraram que Peirce e Saussure trabalharam praticamente de forma simultânea, mesmo sem um ter conhecimento do outro, objetivando esse esclarecimento. Peirce trabalhou com a divisão dos signos em ícones, índices e símbolos, não tendo ele nenhum trabalho específico voltado à língua, à qual não dispensou atenção especial nem se interessou pelo seu funcionamento, até porque para ele o signo é a representação de algo que está no mundo e não de algo que se forja no discurso. Segundo Benveniste (1989), Peirce defendia a ideia de que a língua está em toda parte e em nenhum lugar, sendo reduzida às palavras, observadas como signos, mas não pertencentes ao domínio de uma categoria distinta.

Com referência à língua, Peirce não se preocupou em formular nada especificamente, pois essa se reduzia às palavras, que não deixam de ser signos, mas que “não são do domínio

de uma categoria distinta ou mesmo de uma espécie constante” (BENVENISTE, 1989, p. 44), pertencendo, em grande parte, aos símbolos. Nessa construção semiológica, edificada por Peirce, faz-se necessária a existência de uma diferença entre signo e significado, evidenciando a necessidade de que todo signo seja “tomado e compreendido em um sistema de signos” (BENVENISTE, 1989, p. 45), resultando como condição da significância e que, ao contrário do que pensava Peirce, todos os signos não podem funcionar identicamente e nem pertencer a um sistema único, sendo necessários outros sistemas de signos e entre eles a incidência de uma relação de diferença e de analogia.

No *CLG*, definiu-se como objeto da linguística o estudo da língua que vem em direção oposta à de Peirce, pois para Saussure “a reflexão procede da língua e toma a língua como objeto exclusivo” (BENVENISTE, 1989, p. 45), considerada por ela mesma e com três funções: descrever sincrônica e diacronicamente as línguas, depreender as leis gerais que operam essas línguas e delimitar-se e definir-se por si mesma. Benveniste tem suas ideias ligadas às do mestre genebrino, ainda que não seja deste um seguidor *stricto sensu*, pois teria mostrado que o sistema linguístico poderia levar em conta os fenômenos da enunciação sem deixar de ser um sistema, aceitando, dessa forma, a língua enquanto estrutura formal a ser analisada em diferentes níveis (merismas ou traços distintivos, fonemas, signos e frases). Com isso, leva em conta a natureza articulada da linguagem e o caráter discreto de seus elementos (CARBONI, 2008), ressaltando a singularidade da língua entre todos os objetos da ciência, pois a linguística é a única das ciências que consegue “delimitar-se e definir-se a si própria” (BENVENISTE, 1989, p. 46).

Essa condição é a que determina o caráter peculiar que estabelece que uma linguística passe a ser possível conhecer-se, estabelecendo seu objeto. Quanto à preocupação de definir o objeto da linguística, Saussure propôs a separação de língua e de linguagem, elencando alguns motivos que justificam tal opção. Leva em consideração de maneira decisiva que enquanto a linguagem é multiforme e heteróclita, não possibilitando sua classificação entre os fatos humanos e aferição de unidade, a língua ocupa o primeiro lugar entre os fatos da linguagem e permite um princípio de classificação. E é o princípio de unidade que ocupa em grande parte as preocupações e esforços de Saussure, pois a redução da linguagem à língua permite apresentar a língua como princípio de unidade e situar a língua entre os fatos humanos (BENVENISTE, 1989, p. 47). São os princípios de unidade e de classificação que introduzem a semiologia nos estudos de Saussure, e ambos são necessários para fundar a linguística como ciência, afinal, não há ciência sem um objeto e que seja imprecisa quanto ao seu domínio.

A linguística faz parte de uma ciência maior que ainda não era clara e que deveria ocupar-se de outros sistemas integrantes e pertencentes também aos fatos humanos: a semiologia. Esta (a semiologia) seria uma ciência que estudaria a vida dos signos no seio da vida social. Quanto à linguística, essa não é nada mais que uma parte dessa ciência maior, e o papel do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos (BENVENISTE, 1989, p. 48), e se pela primeira vez a linguística pôde ocupar um espaço entre as ciências isso foi motivado pela sua relação com a semiologia.

Para Saussure, “o signo é antes de tudo uma noção linguística, que mais largamente se estende a certas ordens de fatos humanos e sociais” (BENVENISTE, 1989, p. 49). A língua é independente dos mecanismos fono-acústicos e consiste em um sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica. É justamente isso que dá à língua um lugar especial entre os sistemas de signos, pois o signo linguístico é o único que consegue explicar-se por si próprio. Isso não acontece com nenhum outro sistema. Saussure atenta para a tarefa da ciência, que ele chamou de ciência futura, ou seja, a que se encarregasse de definir o próprio signo (BENVENISTE, 1989). Para o autor, ainda, a arbitrariedade do signo é um aspecto fundamental.

Com isso, Benveniste (1989) define signo como elemento de dupla articulação cuja unidade (por pertencer ao todo que é a linguagem) é submetida (porque se limita à ordem da significação) a uma ordem semiótica. Nessa visão, Benveniste refere-se ao primeiro modo de significação correspondente ao nível intralinguístico, em que cada signo é distintivo e se organiza paradigmaticamente, com valores opositivos e genéricos. Esse nível é chamado por Benveniste de *semiótico* e “não interessa a relação do signo com as coisas denotadas, nem da língua com o mundo” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 31). A atividade do locutor que coloca a língua em funcionamento é o segundo modo de significação e ao qual Benveniste chama de *semântico*.

Ao afirmar que o “papel do signo é o de representar, o de tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto” (BENVENISTE, 1989, p. 51), Benveniste quer alertar para a necessidade de se implementar uma ciência que estude os signos, a semiologia, afinal, em muitas atividades do nosso dia a dia, e em muitas outras situações de nossa vida, recorreremos ao uso de algum signo, que podem ser os de linguagem, de escrita, de cortesia, de trânsito, religiosos e monetários. Para Benveniste (BENVENISTE, 1989, p. 52), “nossa vida está presa em redes de signos”. Isso significa dizer que a convenção que há em torno deles pode pôr em perigo a sua significação se algum deles for substituído, e o seu surgimento parece ocorrer em função de uma necessidade interna veiculada a uma necessidade de organização mental.

Qualquer sistema semiológico tem características peculiares que podem ser identificadas através do seu *modo operativo*, que tem a ver com a operacionalização deste modo, ou seja, do seu funcionamento quanto ao sentido que pretende atingir, visual, auditivo. É através do *tipo de funcionamento* que a relação que afere união aos signos lhe garante distinção frente aos outros sistemas (BENVENISTE, 1989). Algumas dessas características podem sofrer variação numa situação peculiar, mas “a natureza dos signos não pode ser modificada senão temporariamente e por razões de oportunidade” (BENVENISTE, 1989, p. 53). De maneira que um sistema não pode ser substituído por outro sistema sem alterar o seu sentido, ou sem recorrer a outro sistema que “explique” essa modificação.

Dessa forma, Benveniste (1989) apresenta um princípio relacionado às relações entre sistemas semióticos: o de não-redundância entre os sistemas. Quer ele dizer com esse princípio que “não há ‘sinonímia’ entre sistemas semióticos” (BENVENISTE, 1989, p. 53). Sistemas diferentes não podem dizer a mesma coisa, pois cada sistema tem uma base diferente de significar. Sendo assim, dois sistemas semióticos diferentes não podem ser mutuamente conversíveis, não resultam numa mesma significação, ainda que tenham traços comuns. Para Benveniste, “a não-conversibilidade entre sistemas de base diferentes é a razão da não-redundância no universo dos sistemas de signos” (BENVENISTE, 1989, p. 54). Não há, portanto, sistemas distintos à disposição do homem que garanta a mesma relação de significação, ainda que algum signo possa ser comum a dois sistemas, sem, entretanto, apresentar sinonímia, já que em cada um deles terá uma função distinta, “pois o valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (BENVENISTE, 1989, p. 54), não havendo, portanto, signo trans-sistemático.

Apesar dessa independência aparente, os sistemas de signos não são necessariamente sistemas fechados, e para que exista interdependência é preciso primeiramente “que a relação colocada entre sistemas semióticos seja ela própria de natureza semiótica” (BENVENISTE, 1989, p. 54), determinada pela ação comum em determinado meio cultural, que é responsável pela produção e sustentação dos sistemas que lhe são próprios. Ainda assim tem relação de natureza externa, pois não implica em necessária coerência entre sistemas. Há outra condição, a que determina se um sistema semiótico pode se autointerpretar ou se ele deve receber a interpretação de outro sistema. É o que Benveniste (1989, p. 54) chama de “relação semiótica entre sistema interpretante e sistema interpretado”. Esta relação permite posicionar os signos em signos da língua e signos da sociedade. Os da sociedade podem ser interpretados pelos signos da língua e jamais o inverso, sendo a língua, dessa maneira, “o interpretante da sociedade”

(BENVENISTE, 1989, p. 55) e que garante à língua uma situação particular no sistema dos signos. Para Benveniste, essa situação da língua compõe a base de uma teoria semiológica.

Benveniste, nesse estudo de 1969, pontua que o centro da problemática é ocupado pela noção de unidade e toda teoria que se proponha a ser reconhecida como tal não pode, jamais, esquivar-se dessa questão, porque “todo sistema significante deve se definir por seu modo de significação” (BENVENISTE, 1989, p. 58), ou seja, reconhecer quais são as unidades usadas para produzir o sentido e especificar a natureza do sentido produzido. A unidade e o signo têm características distintas, pois um signo é sempre uma unidade, porém, uma unidade pode não ser um signo. Lembramos que a língua é feita de unidades, e as unidades da língua são signos.

Há algumas relações entre os sistemas semióticos, e Benveniste, em *Semiologia da Língua*, nos apresenta três, dentre as possíveis. A primeira é a *relação de engendramento*, em que um sistema pode engendrar outro, resultante daquele. A segunda relação é a *relação de homologia*, que não é constatada, mas instaurada nas relações entre sistemas distintos. E a terceira é a *relação de interpretância*, instituída entre um sistema interpretante e um sistema interpretado. Esta é considerada por Benveniste uma relação fundamental à medida que os sistemas se dividem em sistemas que articulam (pois manifestam sua própria semiótica) e sistemas articulados (que dependem de outros sistemas para expressar sua própria semiótica). “A língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos” (BENVENISTE, 1989, p. 62), pois nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” que possa caracterizar e interpretar seu sistema, a não ser a própria língua, que tudo pode categorizar e interpretar, inclusive ela mesma. Toda semiologia de sistema não-linguístico recorre à língua para sua interpretação, essa “não pode existir senão na e pela semiologia da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 61). A língua é o interpretante de todos os sistemas, os linguísticos e os não-linguísticos. Eis a grande e fundamental peculiaridade da língua.

Mais que essa particularidade, a língua é a que mantém a sociedade unida. Os homens se unem e fundam a sociedade em função da relação que entre eles é estabelecida através da língua. Só a língua possibilita essa inter-relação. Isso reforça a ideia defendida por Benveniste de que “para determinar as relações entre sistemas semióticos, estabelecemos que estas relações devem ser elas mesmas de natureza semiótica” (BENVENISTE, 1989, p. 63). A língua dispõe, seja na sua estrutura formal, seja no seu funcionamento, de um modelo de sistema semiótico que se manifesta pela enunciação (com referência a uma situação dada, onde ‘falar’ é ‘falar de’), que é constituída formalmente de unidades distintas (e cada uma dessas unidades é um signo), é produzida e recebida com o mesmo referencial pelos membros da sociedade e é a única possibilidade de comunicação intersubjetiva entre esses membros.

Com essas características se pode aferir que a língua é uma “organização semiótica por excelência” (BENVENISTE, 1989, p. 63) e dá a ideia de função de signo, sendo a única que oferece a partir dessa função uma fórmula exemplar. Por isso, ela é o único sistema que pode conferir a outros conjuntos o valor de sistemas significantes na sua relação de signo. Esses conjuntos de sistemas reproduzem os traços e os modos de ação determinados pela língua, considerada a grande matriz semiótica com base na sua função representativa, seu poder dinâmico e seu papel na vida de relações. Para Benveniste (1989), esse lugar especial atribuído à língua é uma consequência e não uma causa, pois a significação da língua ocorre em função do que está nela, e nenhum outro sistema pode reproduzir, revestida que é, de dupla significância, ou seja, nenhum outro sistema de signos pode trazer o princípio da metalinguagem, interpretar-se a si mesma e interpretar aos demais.

Temos, ainda, dois modos distintos de significação chamados de *semiótico* e *semântico*. Ambos podem ser analisados separadamente, mas não se pode separá-los, em função da unidade que constituem. O primeiro deles, o *semiótico*, “designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 1989, p. 64). Permite ao signo ser reconhecido quanto a sua forma e servirá para afirmar sua própria significância em meio a outros signos, sendo idêntico a ele mesmo, e cuja existência acontece quando passa a ser reconhecido como significante pelos membros de determinada comunidade linguística. Já o segundo, ocorre pelo discurso e é decorrente do sentido que esse alcança, reconhecido na função da língua como produtora de mensagens. Não se pode pensar a mensagem como “uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente” (BENVENISTE, 1989, p. 65). Não é, pois, a soma de signos que produz sentido, o sentido é que é concebido globalmente e realizado na divisão de signos (as palavras).

Segundo Benveniste (1989), nessas duas ordens distintas, o semiótico (signo) deve ser *reconhecido* e o semântico (discurso) deve ser *compreendido*. “A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, e a de perceber a significação de uma enunciação nova” (BENVENISTE, 1989, p. 66). Enquanto os outros sistemas têm significação unidimensional (semântico *ou* semiótico), a língua se apresenta como o único sistema em que a significação é articulada em duas dimensões (semântico *e* semiótico). É a faculdade metalinguística a origem da relação de interpretância que a língua estabelece frente a outros sistemas, uma vez que é a única que consegue se autoexplicar justamente por ser formada pelas duas dimensões de significação (forma e sentido).

Ao definir língua como sistema de signos, Saussure estabeleceu o fundamento da semiologia linguística, ainda que devido à complexidade que a frase lhe apresentava, atribuiu essa à fala. E se o signo corresponde às unidades significantes da língua, não se pode atribuir a ele, unicamente, o funcionamento discursivo, pois “o signo é fechado” (BENVENISTE, 1989, p. 66) e não há transição entre frase e signo, e tampouco se pode ignorar os dois domínios distintos que comportam a língua. Cada um deles requer um aparelho conceitual: o semiótico tem como base a teoria de signo de Saussure, e o semântico deve ser reconhecido separadamente, necessitando de novos conceitos e definições. Para Toldo (2010), Benveniste recupera a definição de língua de Saussure como sendo um sistema de signos que indicam ideias, comparável, portanto à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, aos sinais militares, entre outros sistemas, sendo a língua o principal entre todos os sistemas, e não o único. Ainda de acordo com Toldo (2010), a língua ocupa um espaço particular no universo dos signos e os signos da sociedade podem ser interpretados pelos signos da língua, não o inverso, sendo a língua o interpretante da sociedade porque funciona dentro dela.

Benveniste considera, portanto, necessário “ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único” (BENVENISTE, 1989, p. 67), já que a ele se atribuía a estrutura e o funcionamento da língua. Esse processo decorre da análise translinguística dos textos, através da elaboração de uma metassemântica, e da análise intralinguística, com nova possibilidade de significância (a do discurso). A que está ligada ao discurso é a semântica e a que está ligada ao signo, semiótica.

Sobre a particular capacidade metalinguística da língua, que é interpretar-se a si mesma e também interpretar os outros sistemas, e ainda mais, ser o único sistema a conseguir essas duas possibilidades de significância, é que apresentamos, a seguir, um registro do diário de Frida Kahlo cuja análise se baseia na possibilidade de ser interpretado semiológica e semanticamente e, por isso, enunciativamente.

5 Análise: um olhar enunciativo ao registro de Frida Kahlo

Neste momento apresentamos uma proposta de análise de um dos registros do diário íntimo de Frida Kahlo. O percurso textual feito para essa análise obedece ao que segue: a) descrição dos elementos visuais do registro; b) descrição dos elementos textuais do registro; c) análise enunciativa do registro, que compreende analisar o registro por um percurso semiótico e semântico, de maneira integrada e contextualizada, com base na

Teoria da Enunciação e, especificamente, nos conceitos apresentados por Benveniste no artigo *Semiologia da Língua* (1969).



Figura 1 – *El diario de Frida Kahlo – un íntimo autorretrato*, 2008.

Esse é um registro que Frida Kahlo fez em página dupla. É na página da direita que encontramos a imagem principal: a figura de uma mulher sobre uma coluna arquitetônica que substitui a perna esquerda cujo corpo está decompondo-se. O braço direito está ereto com o indicador mostrando para o alto. O braço esquerdo aparece fraturado e desprendido na altura do antebraço e, ao lado dele, uma mão solta e um olho. Logo abaixo, uma cabeça aparece caindo. Abaixo ainda da cabeça, um pé. O próprio vestido usado pela figura feminina aparece em processo de decomposição. Sobre um fundo azul, a coluna apresenta um tom esverdeado e a figura feminina é pintada na cor rosa, incluindo pele, cabelos e parte do vestido. O olhar volta-se ao local para onde caem as partes do corpo.

Completando o registro, à esquerda, temos um desenho híbrido. Ao centro, um corpo feminino cujos destaques são o púbis e os seios. A cabeça desse corpo humano é substituída por uma cabeça dupla de animal, e cada uma delas olha para uma direção. A cabeça que olha para a esquerda parece ser de um animal macho e a que olha para a direita parece ser de um animal fêmea, como se estivessem completando-se no corpo feminino. Mais à esquerda, um perfil humano com olho, nariz e boca bem delineados. O olho é coberto por uma mancha

negra. Na altura da bochecha aparece um desenho, que lembra um sol e do qual surge um pé direito. Sobre o corpo em decomposição, Frida escreve à tinta preta: “*yo soy la DESINTEGRACIÓN...*” (KAHLO, 2008, p. 41), na nossa tradução, “eu sou a DESINTEGRAÇÃO...”.

O desenho desse registro, para a pesquisadora So Ra Lim⁷ (2005), é uma figura mista do Minotauro⁸ com Janus⁹, da mitologia Greco-romana. Lim (2005) pontua também que a imagem de Minotauro era um símbolo surrealista que foi introduzido por Picasso¹⁰ quando esse pintor se juntou ao movimento surrealista¹¹. “No mito, o Minotauro é uma criatura gigantesca, com cabeça de touro e corpo de homem, que vive nas profundezas de um labirinto em Cnossos, a principal cidade da antiga Creta” (LIM, 2005, p. 309).

Frida encontrou e conheceu Picasso em Paris, em 1939, por isso é provável que tenha conhecido o Minotauro de Picasso, mas, nesse registro, ela o transforma em sua própria imagem, com o corpo de uma mulher. Além da figura do Minotauro, Frida acrescenta a figura de Janus, o qual representa com duas faces: uma olhando para o passado, e a outra para o futuro (LIM, 2005). Para Lim (2005), quando Janus olha para o passado (o seu lado esquerdo), vê-se uma mulher forte e cheia de orgulho. Mas, quando olha para o futuro, apresenta-se uma marionete, sobre uma coluna, cujo corpo dilacerado cai em pedaços ao chão. Esse olhar o passado e olhar o futuro só se tornam possíveis pelo presente, tempo *crônico* defendido por Benveniste (1989), que é um tempo exclusivo da enunciação.

⁷ So Ra Lim é uma pesquisadora sul-coreana que defendeu sua tese de doutorado na UFRGS com o título “Da imagem à palavra: medo e ousadia em Hye Seok Rha, Tarsila do Amaral e Frida Kahlo”. Essa tese é um estudo comparado de diferentes formas de discurso narrativo e no qual são analisados imagens e textos autobiográficos destas três autoras que são de diferentes procedências: Hye Seok Rha é coreana, Tarsila do Amaral é brasileira e Frida Kahlo, mexicana.

⁸ Um dos mais célebres personagens da mitologia grega, sua principal característica era ter corpo de homem e cabeça de animal (touro).

⁹ Foi um deus romano e era o porteiro celestial, sendo representado por uma figura de duas cabeças, que, por sua vez, representavam início e fim, passado e futuro. Era o responsável por abrir as portas para o ano que se iniciava e, como qualquer porta, voltava-se para dois lados, por isso duas cabeças. Do seu nome se originou o nome do mês de janeiro.

¹⁰ Pablo Picasso foi um famoso pintor e escultor espanhol. Nasceu em Málaga e é conhecido por ser um dos criadores do movimento cubista. Durante toda a sua vida, realizou inúmeras pinturas, cerâmicas e esculturas, que lhe possibilitaram ser reconhecido como um dos personagens mais representativos do século XX e um dos mais importantes artistas da história (Disponível em: <<http://www.misrespuestas.com/quien-fue-pablo-picasso.html>>. Acesso em: 25 out. 2011).

¹¹ O surrealismo foi o movimento literário e artístico mais importante entre guerras, mas suas intenções não se limitaram à arte. Sua finalidade era transformar a vida por meio da liberação da mente do homem de todas as restrições tradicionais que a escravizavam. A religião, a moralidade, a família e a pátria se convertem assim em instituições a serem revisadas. O movimento surrealista iniciou-se de maneira oficial em Paris em 1924 com a publicação do *Primeiro Manifesto* escrito por André Breton, líder do movimento (Disponível em: <<http://www.psykeba.com.ar/tematica/surrealismo.htm>>. Acesso em: 25 out. 2011).

Talvez Frida tenha feito o registro com duas cabeças de animal (macho e fêmea) ocupando o corpo feminino (que seria seu próprio corpo), porque ao longo de sua vida teve experiências sexuais com homens e mulheres. Era fisiologicamente uma mulher, por isso o corpo feminino e uma cabeça feminina, porém, às vezes, pensava e agia como um ser masculino.

Frida manteve seu diário nos últimos dez anos de sua vida, ora registrando frequentemente, ora passando longos períodos sem fazê-lo. Philippe Lejeune (2008, p. 261) afirma que “todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário”. Frida Kahlo manteve o seu com dois aspectos muito claros e presentes: Diego Rivera e a deteriorização da qual esteve à margem durante toda a vida. Foi uma deteriorização física, motivada pelas inúmeras cirurgias pelas quais passou e também de espírito, resultante, principalmente da turbulenta relação que manteve com Diego. Pode-se, inclusive, interpretar o diário como uma tentativa da artista em dar suporte à integração de um ser fragmentado, em desintegração, já que, para Lejeune (2008, p. 280), “o diário não se desfragmenta”.

Nesse registro, o aspecto em evidência é a deteriorização corpórea de Frida. O desenho principal do corpo se desintegrando representa o próprio corpo da artista, pois Lejeune (2008, p. 263) afirma que “o papel é um espelho”, logo, o que um diarista faz ao registrar em um diário é deixar nele a sua própria imagem. Porém, essa imagem não é uma imagem refletida, é uma imagem construída e, por ser construída, pode ser virtual.

Frida passou por um processo de desintegrar-se em vida e, para Carlos Fuentes (2008), por ter sido escrito durante o período que antecedeu a morte da pintora, o diário pode ser visto também como um documento que retrata o declínio físico e Frida o teria mantido para encontrar sua própria salvação. Até mesmo o vestido parece estar em processo de desintegração. Essa é mais uma obra que retrata a degradação física, mas pode também representar a degradação humana, enquanto ser vivo ou enquanto mulher. Ao recorrer ao diário, Frida poderia estar buscando forças para suportar, além da degradação corpórea e física, a degradação de espírito. Para Lejeune (2008, p. 263), um diário “pode trazer coragem e apoio”, elementos que, talvez, Frida já não dispunha em outro lugar, pois levava uma vida bastante solitária, além de que o diário é um lugar “no qual nos contamos uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá” (LEJEUNE, 2008, p. 264), e que servia, ele próprio, de companheiro. E mais, ao se anotar os combates diários e a decadência diária das pessoas, o diário “aparece como um meio de suportá-la” (LEJEUNE, 2008, p. 279).

Rauda Jamis foi uma das biógrafas de Frida Kahlo e inicia seu livro, narrado em primeira pessoa, como se fosse a própria artista afirmando que “[...] meu corpo é um marasmo. E eu não posso mais escapar dele. Como o animal que sente sua morte, sinto a minha tomar lugar na minha vida e com tanta força, que me tira qualquer possibilidade de combater” (JAMIS, 1987, p. 1). Essa não é uma citação referente ao registro que Frida fez no diário, mas é uma clara analogia ao sofrimento humano e ao sofrimento animal, cujos corpos se dilaceram e são dilacerados. A biógrafa continua a narração dizendo que o “meu corpo vai me soltar, a mim, que sempre fui sua presa” e que essa presa sempre esteve envolvida numa luta na qual não haveria vencedor, era uma “vã e permanente ilusão acreditar que o pensamento, por ser intacto, pode destacar-se dessa outra matéria feita de carne” (JAMIS, 1987, p. 1), em que a desintegração física também significava desintegração psíquica, já que uma seria resultante da outra.

Trazemos para a leitura e a análise deste registro conceitos singulares presentes na reflexão teórica apresentada no artigo *Semiologia da Língua*, de 1969, de Benveniste. Este texto de 1969 é de especial interesse para nós, na medida em que Benveniste afirma que a língua é importante porque é ela, e somente ela, que torna possível a sociedade. Não é possível conceber uma sociedade sem língua, pois é a língua que mantém juntos os homens. A língua “é o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”, pois “é a língua que contém a sociedade” (BENVENISTE, 1989, p. 63).

Esse registro, ainda que não tenha a data, uma das principais características do gênero diário, foi produzido numa época bastante dramática para Frida, cuja saúde havia se agravado muito nos últimos anos (JAMIS, 1987). A artista já estava habituada a usar os coletes de gesso ou de couro, mas pela primeira vez foi obrigada a usar um colete de aço, que lhe garantia sustentação às costas, mas que em nada aliviava as dores. Chegou, inclusive, a fazer um quadro, *La columna rota* (1944), em alusão a esse colete. Emagrecia consideravelmente, o que a obrigava a ter uma alimentação reforçada e, em algumas vezes, passar por transfusão de sangue. Após o colete de aço, voltou a usar um colete de gesso, que lhe apertava tanto que causava dores não apenas nas costas, “mas também na nuca, na cabeça, no tórax” (JAMIS, 1987, p. 241). Não suportou e tiveram de removê-lo. Sucedendo esses eventos, veio uma cirurgia na coluna, em que os médicos objetivavam soldar quatro vértebras lombares e o osso pélvico. Para Jamis (1987, p. 244, grifo nosso), nessa época Frida recorria muito ao diário, abria, folheava, escrevia, desenhava. “Seus tormentos ali estavam confiados, de maneira mais

brutal que em seus quadros, sem o filtro plástico, a nu: [...] a lenta *desintegração*, segundo a própria expressão de Frida, do seu corpo, dos relâmpagos de vida”.

Nesse registro, os dois sistemas, verbal e não-verbal, são usados. O registro não-verbal é a própria imagem do corpo que se dilacera motivado pelas enfermidades e adversidades enfrentadas por Frida. O sentido nesse registro define-se pelo verbal, o que, para Benveniste (1989), é garantido pela capacidade que a língua tem de ser o interpretante dela mesma e também dos demais sistemas. A língua ocupa um lugar especial no conjunto dos fatos semiológicos porque é o único sistema que interpreta os outros sistemas: os linguísticos e os não-linguísticos. Toda semiologia de sistema não linguístico recorre à língua para sua interpretação, essa “não pode existir senão na e pela semiologia da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 61).

Ao fazer o registro “*yo soy la DESINTEGRACIÓN...*”, a palavra “*DESINTEGRACIÓN*” (desintegração) abarca um sentido semiótico que “designa o modo de significação que é o próprio signo linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 1989, p. 64), o que permite ao signo ser reconhecido quanto à sua forma. Para Benveniste (1989), todo sistema sóico tem um sistema semiótico, uma vez que todo e qualquer sistema de signos traz a possibilidade de significância; entretanto, apenas a língua tem a possibilidade de interpretar linguisticamente esses sistemas, pois a língua é o único sistema semântico que possibilita a atualização do semiótico, por isso a construção dos sentidos é irrepetível, ou seja, tudo isso que podemos dizer desse registro de Frida Kahlo só torna-se concreto pela língua que colocamos em funcionamento, a fim de produzir o discurso que nessas linhas se constrói.

Frida fez questão de pôr a palavra “*DESINTEGRACIÓN*” em destaque, pois a escreve em letras maiúsculas. Nesse registro, o semiótico é a deterioração física do corpo. Traz, ainda, um sentido semântico; quanto à significação para esse modo, recorreremos a Benveniste (1989) o qual afirma que essa significação ocorre pelo discurso e é decorrente do sentido que o discurso alcança, reconhecido na função da língua como produtora de mensagens. O sentido semântico nesse registro também é a deterioração moral de Frida, além da deterioração como mulher e amante. É provável que sentisse o fim da completude do seu corpo, dada a proximidade da amputação de sua perna, mas principalmente porque, até a época que esse registro foi feito, o processo de desintegração lentamente iniciado sempre prosseguiu, nunca estagnou. Sentia seu corpo desfragmentando-se. Além disso,

foram frustradas todas as tentativas de engravidar e dar um filho a Diego, conforme havia prometido. Como mulher, sentia-se impotente.

Segundo Lejeune (2008, p. 263), os diários funcionam também como “campo de defesa” que ajudam o diarista a resistir. Para Frida, talvez, o diário não apenas ajudou-a a resistir, mas também ajudou a externalizar seus sentimentos, o que contribuiu para criar novos mecanismos de defesa. O diário, sendo um espaço de liberdade e no qual o diarista “se sente autorizado a manejar a língua como quiser” (LEJEUNE, 2008, p. 264), fez com que Frida se instaurasse e se enunciasse como sujeito, pois manejava a língua, aliando-a a desenhos e pinturas.

6 Considerações finais

As interpretações que aqui apresentamos são possíveis com base no que Benveniste (1989) chama de relação semiótica entre os sistemas (o interpretante e o interpretado). É essa relação que permite que posicionemos os signos em signos da língua e signos da sociedade. O que fizemos neste trabalho foi interpretar os signos da sociedade através dos signos da língua, porque essa relação é possível, já que os signos da língua são o interpretante dos signos da sociedade, e jamais o inverso. É o que, segundo Benveniste (1989), afere à língua essa situação particular entre os sistemas de signos, porque enquanto todos os sistemas têm significação unidimensional (semântico *ou* semiótico), a língua se apresenta como o único sistema em que a significação é articulada em duas dimensões (semântico *e* semiótico). Ou seja, isso só é possível porque podemos falar, dizer, descrever, caracterizar – pela língua – o que se pode falar, dizer, descrever, caracterizar no registro de Frida Kahlo. Essa capacidade de dizer algo sobre, que apenas é peculiar à língua, de produzir um discurso sobre, traz a reflexão de Benveniste (1989) sobre a ultrapassagem na reflexão saussureana a respeito do funcionamento da língua. Isso se dá em duas vias: uma intralinguística, que nada mais é do que a dimensão da significância do discurso, e uma translinguística, que se destina à construção de uma metassemântica da enunciação.

A metassemântica a que se refere Benveniste neste ímpar artigo de 1969 é a capacidade da língua de produzir um discurso sobre algo. Ele, Benveniste, classifica como uma semiologia de segunda geração, também vista como um desdobramento da ultrapassagem do signo como princípio único e último e a possibilidade de um estudo sobre as relações que se estabelecem entre sistemas semiológicos. Quando Benveniste estabeleceu a língua com dois modos de significância (um no sistema e outro no uso) acabou por fundar as bases dessa que será a semiologia de segunda geração: a metassemântica.

Consideramos esse tema bastante complexo e acreditamos que é algo a ser pensado e desenvolvido em estudos futuros, pensando, inclusive, na possibilidade de se fazer uma interpretação enunciativa de palavras e/ou em imagens que constituem textos diversos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBISAN, Leci Borges; FLORES, Valdir do Nascimento. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

BATISTA, Patrícia Pereira. *Do diário ao blog confessional*: continuidade ou surgimento de uma nova prática? Disponível em:
<http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/07_PatriciaBATISTA_IISeminarioPPGCO M.pdf>. Acesso em: 22 maio 2011.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.

_____. Os níveis de análise linguística. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.

_____. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARBONI, Florence. *Introdução à Linguística*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDPUCRS, v. 36, n. 4, p. 7-65, dez. 2001.

_____. O linguista e a linguística do CLG. *Nonada*, Letras em Revista, Porto Alegre, v. 1, n. 12, p. 28-41, 2009. Disponível em:
<<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/%20viewFile/83/72>> Acesso em: 14 jun. 2011.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; KUHN, Tanara Zingano. Enunciação e ensino: a prática de análise linguística na sala de aula a favor do desenvolvimento da competência discursiva. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDPUCRS, v. 43, n. 1, p. 69-76, jan./mar. 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (Org.). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FUENTES, Carlos. Introducción. In: KAHLO, Frida. *El diario de Frida Kahlo: un íntimo autorretrato*. 2. ed. México: La Vaca Independiente, 2008. p. 7-24.

HERRERA, Hayden. *Frida: Una biografía de Frida Kahlo*. México: Diana, 2004.

JAMIS, Rauda. *Frida Kahlo*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KAHLO, Frida. *El diario de Frida Kahlo: un íntimo autorretrato*. 2. ed. México: La Vaca Independiente, 2008.

KETTENMANN, Andrea. *Frida Kahlo 1907-1954 - Dor e Paixão*. Köln: Taschen, 2006.

LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. *Diego e Frida*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LIM, So Ra. *Da imagem à palavra: medo e ousadia em Hye Seok Rha, Tarsila do Amaral e Frida Kahlo*. 2005. Tese (Doutorado em Literatura Comparada)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LOWE, Sarah M. Ensayo. In: KAHLO, Frida. *El diario de Frida Kahlo: un íntimo autorretrato*. 2. ed. México: La Vaca Independiente, 2008. p. 25-30.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010. p. 19-38.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários Públicos, Mundos Privados: o diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.pdf>> Acesso em: 20 maio 2011.

_____. *Diários íntimos na era digital: diários públicos, mundos privados*. Disponível em: <<http://www.sebantropologiacom.blogspot.com/2008/02/diarios-ntimos-na-eradigitaldirios.html>> Acesso em: 20 maio 2011.

PIMENTEL, Carmen. *A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal*. Disponível em: <http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Carmen_Pimentel.PDF> Acesso em: 20 maio 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/20/entrevistas/revel_16_entrevista.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

TOLDO, Claudia. O que significa pensar o trabalho do texto em sala de aula a partir de uma concepção enunciativa de língua? *Cadernos de Pesquisas em Linguística*, Porto Alegre, v. 5, n.1, nov. 2010.

_____. A Linguística da Enunciação e o trabalho com o texto em aulas de língua portuguesa. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO – ALED, 9., 2011, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2011. 1 CD-ROM.

Letrônica, Porto Alegre v.5, n. 2, p.60, jun./2012.

Recebido em março de 2012.
Aceito em maio de 2012.